

# Só o Conselho pode acalmar Ceilândia

Depois do sábado tumultuado, movimentos Cultural e Comunitário preparam argumentos para Conselho de Cultura

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

s ânimos, em Ceilândia, cidade-satélite que viu seu Seminário de Cultura suspenso no final da manhã do último sábado devido a incontornáveis desentendimentos entre o Movimento Comunitário e o Movimento Cultural, ainda não serenaram.

O Movimento Cultural (liderado por Chico Morbeck), consumiu a tarde de sábado e todo o dia de domingo desenvolvendo as atividades anteriormente programadas pelo Seminário de Cultura de Ceilândia, organizada pela Administração Regional e pelo Movimento Cultural e Comunitário. O saldo das discussões se materializou em documento reivindicativo que será encaminhado ao Conselho de Cultura do DF, Administração Regional, Secretaria de Cultura e Esportes e Movimento Cultural Brasília.

Já o Movimento Comunitário, liderado por Carlos Humberto Farias, o *Esguindinha* ainda não absorveu os episódios do último fim-de-semana.

"Estamos preocupados", garantiu Humberto, no início da tarde de ontem, "com a solução apresentada pelo secretário Márcio Cotrim – passar ao Conselho de Cultura do DF a tarefa de definir os critérios de formação do colégio eleitoral que indicará, em Ceilândia, o representante da cidade junto à Secretaria de Cultura e Esporte. Afinal, argumenta, 'nós não conhecemos bem este Conselho e ficamos reticentes, pois Chico Morbeck faz parte dele. Como Morbeck não tem ajudado a chegar a uma posição de consenso, nós, as lideranças comunitárias, estamos desconfiados'".

Depois de saber que o Conselho de Cultura do DF é um organismo criado por Lei do Senado Federal, em setembro de 1990, e composto com representação paritária do Governo e da Comunidade, Carlos Humberto resolveu ponderar: "Está bom. Vamos procurar o Conselho, expor nosso entendimento de tudo que está acontecendo em Ceilândia, e explicar que os artistas fazem um trabalho elitista, que não alcança toda a comunidade. Daí a importância do movimento comunitário eleger o representante da cidade junto à SCE".

Depois de certificar-se do caráter das reuniões do Conselho de Cultura – abertas aos interessados – e de sua sala de reuniões – no anexo do Teatro Nacional – Carlos Humberto avisou que "o Movimento Comunitário vai marcar audiência com os conselheiros, para evitar que tomem o partido do Movimento Cultural, que é apenas parte da comunidade de Ceilândia".

**Documento** – Chico Morbeck assegura que "o Movimento Cultural de Ceilândia reconhece a legitimidade do Conselho de Cultura do DF em atuar como organismo responsável pela definição dos critérios que regerão a eleição do representante da cidade junto à Secretaria de Cultura do DF". É vai mais além: "Em longo documento que preparamos, após as palestras e debates que se sucederam aos tumultos da manhã de



Carlos Humberto Farias e Márcio Cotrim, entre lideranças comunitárias, sábado, na reunião na Ceilândia

sábado, deixamos claro o nosso intuito de trabalhar ao lado do Movimento Comunitário como já fazemos em vários locais da cidade (Expansão do Setor P. P Norte, P Sul, Guariroba)".

"Só", acrescenta Morbeck, "fazemos questão de deixar claro nosso repúdio ao administrador regional e a seus líderes, que concebem a democracia como a imposição de seus pontos-de-vista, alimentando o autoritarismo na educação política da comunidade e revelando seu descompromisso e desconhecimento da realidade cultural da cidade. Por isso, fizemos questão de deixar este protesto registrado em nosso documento".

No final da manhã de sábado, quan-

do os desentendimentos se avolumaram no auditório do CET (Centro de Educação para o Trabalho), na Guariroba, palco do Seminário de Cultura da Ceilândia, os representantes do Movimento Comunitário se retiraram tomando o evento como terminado. Carlos Humberto foi participar de reunião com o assessor cultural da SCE, Antônio Clementin. "Passamos uns duas horas discutindo, mas nos convencemos inteiramente de que delegar a decisão ao Conselho de Cultura do DF seja o correto. Afinal, Zequinha (José Rodrigues Costa Filho, da Colônia Nordestina); José Eudes Ferreira, do Bloco Gavião Dourado e eu nos somamos na compreensão de que às

decisões que dizem respeito à Ceilândia, devem ser tomadas em Ceilândia".

Dispostos, no entanto, a dar um voto de confiança ao Conselho em busca de uma solução de entendimento, Carlos Humberto promete, de agora em diante, juntar argumentos para a audiência que o Movimento Comunitário solicitará aos integrantes do órgão colegiado.

Enquanto isto, o Movimento Cultural de Ceilândia amplia sua luta, buscando caixas de ressonância junto a organismos do Estado e da sociedade. "Nós vamos", avisa Morbeck, "lutar pela criação do Conselho de Cultura de Ceilândia e defender que os recursos destinados ao pagamento do representante junto à

SCE sejam encaminhados a este Conselho, para que ele possa se infraestruturar e defender ações culturais em Ceilândia, regidas por princípios democráticos, e não pelo fisiologismo".

Quanto ao Seminário de Cultura de Ceilândia, Morbeck avisa: "nós o realizamos, integralmente, pois os palestrantes (Nélio Lúcio, Carlos Augusto Silva e eu próprio) desempenhamos nossas funções, debatendo temas como a Produção e Circulação de Bens Culturais, Financiamento de Projetos Culturais, Regionalização dos Meios de Comunicação, Lei de Incentivos Fiscais à Arte e Cultura e o documento Bases para a Edificação de Uma Política de Cultura no DF, que elaborei e encaminhei ao Conselho de Cultura do DF e ao Movimento Cultural Brasília". Se, porém, houver entendimento de que se deve promover outra edição do Seminário, nós vamos endossá-la e participar ativamente. Para nós, quanto mais reflexão, melhor".

Os 57 artistas, ativistas e produtores culturais que permaneceram no auditório do CET (Centro de Educação para o Trabalho) após os desentendimentos da manhã de sábado, propõem que a eleição do representante da cidade junto à Secretaria de Cultura e dos 12 integrantes do Conselho de Cultura de Ceilândia aconteça em abril. Amanhã, às 17h00, a diretora executiva da Fundação Cultural, Maria Luiza Dornas, visitará a cidade, a convite do Fórum de Cultura de Ceilândia, para proferir palestra sobre o Projeto Arte Candanga, que ela e sua assessoria estão preparando para atender às cidades satélites.

## Uma eleição apressada

A discordia entre o Movimento Cultural e o Movimento Comunitário, em Ceilândia, se instalou quando no início de fevereiro houve a primeira reunião, promovida por Márcio Cotrim, entre lideranças artísticas e prefeitos de quadras. Estes chegaram à reunião com um nome "eleito" para o cargo de representante da cidade junto à Secretaria de Cultura e Esporte: o de José Rodrigues Costa Filho, o Zequinha. (foto).

O Movimento Cultural protestou e decidiu-se, então, pela formação de Comissão Paritária (Cultura/Comunidade), que cuidaria da organização do processo de reflexão (Seminário) e



eleição (do representante e de, caso a proposta seja aprovada, um Conselho de Cultura local).

José Rodrigues, que participou de tumultuada manhã do Seminário de Cultura de Ceilândia, tem 32 anos, é

maranhense e está no DF desde 1964. Ele atua junto à Colônia Nordestina, entidade que congrega migrantes radicados em Ceilândia. É também, membro do Grupo Recreativo Bloco Carnavalesco Gavião Dourado, que promove atividades variadas, inclusive concursos de misses.

"Não houve má fé na indicação de meu nome", assegura Zequinha, "pois a Secretaria de Cultura e Esportes não nos prestou os esclarecimentos necessários. A falta de esclarecimentos nos fez pensar que devíamos levar um nome já indicado para ocupar a vaga. As lideranças comunitárias escolheram o meu".